

2000

DIAS ATÉ

CAMILA

ALUA

FABBRI

Este texto foi publicado em espanhol na revista argentina *La Agenda*, em 12 de outubro de 2020, e está disponível em:

<https://laagenda.buenosaires.gob.ar/post/631772814317338624/anatom%C3%ADa-de-un-instante-200-d%C3%ADas>

A respeito de um projeto que comecei há pouco tempo, precisei surfar pelo passado. Devo confessar que me remontar a um antes é algo de que eu gosto muito. As fotos, os vídeos, as cartas.

Encontrei, por exemplo, que a escritora e cronista Gabriela Wiener escreveu isto:

Como a luz do primeiro dia em que você descobre que perdeu o amor da sua vida.

Encontrei esta carta que escrevi depois de uma viagem de táxi em pleno verão portenho:

Hoje me lembrava desta frase que Cristina disse quando saiu mais ou menos às sete da tarde para falar com as pessoas: “quando se sentir sozinho, busque o povo”, a tendência peronista de deixar frases para a história. Voltei para a minha casa às duas da manhã em um táxi que não dizia “rádio táxi”, durante muitos anos da minha vida adulta atentei muito a esse detalhe. Talvez seja algo que a minha parte materna me encucou, de atentar à descrição do táxi conduzido pela frequência de rádio. O que isso podia me garantir? Claro, a salvação. Do quê? De muitas coisas, porque, antes de mais nada, viver a vida para se salvar.

Então voltava neste táxi de nenhuma rádio e escutava os clássicos, nada melhor, e abri a janela com esse ventinho gentil de dezembro e meu cabelo voava e eu o prendia e pensava na frase de Cristina. Quando você se sentir sozinho, Alberto, fale com o povo. E pensei em mim, no que eu

tenho mais ao alcance, mais que um presidente, mais que um senhor de sessenta anos, mais que uma pessoa que eu desconheço. Pensei em mim voltando sozinha para a minha casa, e nessa prática tão comum à qual não estou nada acostumada. E tinha vontade de conversar com alguém, porque eu não tenho um povo a quem posso recorrer; talvez meu povo seja somente esse quadro em branco e a sensação de que há uma interlocução. A espiral do pensamento se interrompeu quando o condutor do carro pintado de preto e amarelo me disse que havíamos chegado. “Menina”, me disse. Me pareceu ok, prefiro isso a “senhorita” ou “senhora”. Paguei até a última moeda que exigia o aparelhinho dos números laranjas. O famoso contador que me faz lembrar dos jogos olímpicos que este ano verei por streaming. Caminhei até a porta da minha nova casa. Abri, olhei para trás, tomei o último vento. Quando entrei fui recebida por uma árvore de natal ligada, montada pelo Jorge, o zelador de cavanhaque do edifício. A árvore fica bem com qualquer canção que escuto em meu aparelhinho, mas esta noite não tocava nada. Só minha cabeça, sem um povo. Sozinha e em silêncio, mastigando esta carta como uma canção que começa baixinho e vai subindo de intensidade até estourar em um “uhh uhh” que comove os corações.

Servi comida a Telma e me sentei para te escrever. Espero que não te incomode. A verdade é que não falei nada importante. Só falei sobre mim, porque percebi o pouco que o faço e o muito que guardo.

Cuide bem do seu povo, porque assim você estará molhando os pés na fonte sem medo do choque elétrico e jogando água em si mesmo com garrafas de plástico para amenizar a onda de calor. Fale com ele baixinho, como a uma planta de interior, verá o efeito que surte.

Também encontrei o princípio de algo que nunca continuei:

No National Geographic dizem que a lua está muito próxima, mais do que o denominador comum acredita. Que se viajássemos até lá de carro, levaríamos duzentos dias para chegar. Não me olhe assim, eu não fiz nada para que isso terminasse de um dia para o outro, sentados em um sofá coberto por lençol na casa do seu amigo A. Você nem sequer me ofereceu um copo de água quando me convidou a entrar, mas tudo bem, você estava nervoso. E aí, diante de nós, enquadrada mas pequenina, a foto de A. e sua namorada na última praia da costa atlântica argentina. O cabelo dela voando desenhava um bigode em A. e isso eu comentei contigo.

– Você não acha um pouco ridículo esse bigode causado pelo cabelo da namorada dele?

– É engraçado.

– Para mim é ridículo.

– Para mim é engraçado.

– Não há concessão?

Na noite anterior você tinha tomado coisas. Tinha a cabeça alvoroçada. Comia balas Butter Tofees, dizem que são as melhores para extrair

a pasta de angústia que fica colada à hipófise depois de uma noite inteira tomando coisas. Duzentos dias teríamos levado para chegar à lua com seu Citroen.

Falamos a respeito de terminar isso que nos reunia e eu disse sim a tudo, como a caricatura de um casamento com vestido branco: “sim, quero”. Em uma ruptura também é necessário dar o sim. Assomei à varanda da casa de A., segundo andar dos fundos. Escutava os vizinhos jogando Banco Imobiliário. Compravam estâncias, sapatarias, lavanderias, casas com diversos cômodos. Remodelavam parques, riam alto.

– Você não vai me falar nada?

E eu pensando no Banco Imobiliário, nas reuniões com amigos e amigas, em tudo que teria pela frente. Pensando na falta, é claro, porque agora era minha vez de atravessar a quilometragem do silêncio. Te perguntei o quanto você gostava de tomar coisas e você não soube o que responder. Algo a respeito de que isso te ajudava a *não pensar*, e me pareceu uma grande resposta. Evadir-se para dar o toque final e chorar na casa emprestada para que tudo se evapore rápido. Somos reincidentes nos mecanismos mais desalentadores. Vamos e voltamos, nos metemos substâncias, damos beijos de língua e nos despimos diante de outros, de outras, depois compaginamos os dias e horários, remanejamos agendas, nos fazemos companhia, passam os anos, nos acostumamos, nos cansamos. E conseguimos. Andamos leves outra vez, que cansativo tudo isso.

Que pena, que saco, que saco e que pena. Que entediante o paciente estável, necessitamos de terapia intensiva.

Parece que agora sou alguém que pode ser levada para andar de moto. Sim, pela cidade, ainda que você não acredite. Minha amiga Victoria tem uma e nos transportamos juntas entre pontos de encontro em comum. Eu a agarro forte pela cintura, a abraço como se fosse o último corpo que eu tocasse na vida. A possibilidade de tombar e quebrar o pescoço existe, claro que existe, mas eu finjo conversar sobre coisas ligeiras como a anedota daquele homem ou dos livros que quero ler e não tenho e não consigo e morrerão. Andamos de dia, mas também de noite. Esquivamos carros particulares e táxis. Passamos por curvas e poços. Chego a acreditar que o desenlace pode ser este, mas a verdade é que não: isso parece amável demais e Victoria não é uma personagem de um drama sombrio.

Encontrei esta canção:

“Não voltarei, juro pelo Deus que me olha, que em silêncio eu chorei de graça. Eu não voltarei. Você acredita em mim, eu acredito em você, acreditemos em nós”.

E encontrei um possível final:

O presente é uma paisagem do Sul.

Há cavalos gelados que soltam vapor pelo nariz e pastam na neve.

Caderno de Leituras n.138

200 dias até a lua

200 días a la luna

Camila Fabbri

Edição e preparação de texto Maria Carolina Fenati

Tradução Gabriela Albuquerque

Revisão da tradução Thiago Panini Primolan

Revisão Andrea Stahel

Projeto gráfico Rita Davis

Coordenação da coleção Luísa Rabello, Maria Carolina Fenati

Composto em Lora

Edições Chão da Feira

Belo Horizonte, dezembro de 2021

Esta e outras publicações da editora estão
disponíveis em www.chaodafeira.com

Este projeto foi realizado com recursos
da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte

Realização



Incentivo



CULTURA

